

SAÚDE MENTAL DE PROFESSORES DA EDUCAÇÃO INFANTIL, UMA REVISÃO INTEGRATIVA

Lívia Maria Bonadio da Silva¹
Cristiane Paiva Alves²

¹ Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP), Marília, São Paulo. E-mail: livia.bonadio@unesp.br

² Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP), Marília, São Paulo. E-mail: paiva.alves@unesp.br

Linha de Pesquisa/Eixo Temático: Linha 01-Psicologia da Educação: Processos Educativos e Desenvolvimento Humano

Palavras-chave: Saúde mental; Professores de Educação Infantil; Adoecimento mental.

1 INTRODUÇÃO

A Educação Infantil surge a partir do século XVIII na Europa, influenciada e projetada pela realidade fabril e por movimentos femininas que exigiam creches para mãe da classe proletária. No Brasil, a primeira escola dessa natureza foi aberta em 1908 (Kramer, 1995). No contexto histórico, os docentes da área de educação infantil enfrentam uma intensa desvalorização por parte das instituições, que de forma cultural, associa esse trabalho como algo de natureza maternal em detrimento de sua dimensão intelectual (Agrellos *et al.*, 2024).

Nesse sentido, importa compreender que essa desvalorização não é meramente ideológica, mas estruturalmente organizada pela feminização do trabalho educativo, categoria onde predominam mulheres que historicamente vêm sendo submetidas a precarização de salários, contratações precárias e sobrecarga emocional. A intersecção entre gênero e classe opera como matriz produtora da invisibilidade intelectual das professoras de educação infantil, que veem seu trabalho reconfigurado como extensão da maternidade ao invés de reconhecido como labor profissional especializado. Essa dinâmica alimenta condições estruturais de exploração que transcendem a esfera individual, fazendo emergir fenômenos de adoecimento psíquico de caráter coletivo e sistêmico.

Defronte dessa realidade, dialogam sobre o conceito de "mal-estar docente", definido como uma condição de desconforto difuso causado pelas condições de trabalho e pela indiferença da sociedade com a profissão (Esteve, 1999). Em relação à natureza de viés psicológico, sobressai-se a Síndrome de Burnout, um estresse ocupacional crônico e cumulativo comum em profissionais de cuidado direto (Maslach, 1993). Sendo assim, este estudo se

justifica pela urgência de tematizar uma revisão descritiva sobre esse campo na contemporaneidade, articulando não apenas seus manifestos sintomáticos, mas suas raízes estruturais e políticas.

2 METODOLOGIA

Concerne-se de um estudo de revisão integrativa da literatura, de natureza descritiva e exploratória. A busca se deu pela pesquisa em base de dados como a SciELO, CAPES e ERIC no período de junho de 2026. Utilizamos os descritores “saúde mental”, “professores”, “educação infantil” e “mal-estar docente” e seus correspondentes em inglês, combinados por operadores booleanos, os filtros aplicados foram: artigos de 2021 a 2026; idiomas português, inglês e espanhol; textos completos e de acesso aberto. A busca inicial encontrou 139 artigos, que foram triados para 60 e, após leitura completa e aplicação de critérios de exclusão (como estudos sem foco na categoria docente ou acesso parcial), consolidou-se uma amostra final de 46 artigos.

3 RESULTADOS OBTIDOS

3.1 Intensificação de Demandas: do Remoto à Precarização Estrutural

A sobrecarga docente foi intensificada nos últimos anos de forma substantiva e qualitativa. Os desdobramentos do ensino remoto e a plataformização do ensino impuseram um severo "tecnoestresse", entendido como a exaustão emocional decorrente da intensificação do trabalho via tecnologias digitais e da demanda por competências tecnológicas frequentemente adquiridas sem suporte institucional (Silva; Santos, 2022; Filho; Andrade, 2025). Tal fenômeno não se extingue com o retorno ao presencial, mas se sedimenta em novas configurações de trabalho onde a expectativa de disponibilidade permanente e a fusão entre espaços privados e profissionais permanecem como marcas estruturantes.

Paralelamente, observa-se um desequilíbrio crônico entre altas demandas cognitivas, emocionais e físicas e baixos recursos materiais e humanos em sala de aula, fenômeno que se combina à falta de autonomia docente e à precarização das condições laborais. Esse tríplice movimento de intensificação, carência e desempoderamento acaba por minar de forma gradativa a saúde mental desses profissionais, criando as condições objetivas para o adoecimento (Vieira, 2021; Zhao; Jeon, 2024).

3.2 Ambiente Estruturalmente Hostil: Ruído, Esforço Físico e Exaustão

O ambiente escolar da educação infantil é caracterizado por ruídos em extrema constância e um latente esforço físico que exige do educador uma performatividade de acolhimento e disponibilidade emocional paradoxalmente mantida apesar da exaustão. Essa configuração estrutural do espaço de trabalho não é meramente incômoda; ela redefine a fenomenologia do labor docente como um constante gerenciamento de desconforto que se inscreve no corpo. A impossibilidade de controlar o ambiente físico combina-se com a expectativa de que a professora mantenha uma postura acolhedora, compassiva e afetiva, criando uma dissonância emocional crônica.

3.3 Dissonância Emocional: Fadiga por Compaixão, Traumas Secundários e Invisibilidade Intelectual

No contexto de inclusão educacional e alta exigência comportamental das crianças, observa-se o fenômeno denominado "fadiga por compaixão", um tipo de esgotamento específico de profissionais que trabalham em relações de cuidado direto. Particularmente em educação infantil, essa fadiga é potencializada pela idade vulnerável das crianças e pela demanda contínua de responsividade emocional, gerando traumas secundários que se manifestam como anedonia, desesperança e cinismo em relação ao trabalho (Roberts; White, 2023).

Ironicamente, esse esgotamento é constituído e nutrido pela romantização persistente da carreira docente, encarada culturalmente como um sacerdócio, uma vocação que transcende a dimensão laboral. Essa narrativa romantizadora invisibiliza o esforço intelectual, técnico e emocional do educador, transformando demandas de trabalho em sinais de dedicação. O resultado é um duplo movimento de exploração: a sociedade se beneficia de um trabalho intenso, qualificado e emocionalmente denso enquanto nega o reconhecimento econômico e simbólico desse labor, exponenciando seu adoecimento psíquico (Souza, 2020).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Constatou-se que o adoecimento dos professores da Educação Infantil está assentado em um problema sistêmico e multifatorial, estruturado por políticas neoliberais precarizantes, péssimas condições laborais e desvalorização intencional da classe trabalhadora educativa. A dinâmica de intersecção entre gênero, classe e trabalho emocional produz uma materialidade de exploração que não pode ser reduzida a fatores individuais ou psicológicos isolados. Sendo assim, a rotina escolar constitui-se como um ambiente insalubre que, em somatória à

dissonância emocional permanente e à herança assistencialista que permeia a educação infantil, funciona como forte potencializador de *Burnout* e fadiga por compaixão. Nesse sentido, conclusões derivadas deste mapeamento apontam imperativos que transcendem a esfera das práticas individuais. Medidas estruturais que importam incluem: redução efetiva das razões aluno/professor; aumento salarial condizente com a qualificação; garantia de autonomia pedagógica; e eliminação de formas precárias de contratação.

REFERÊNCIAS

- AGRELLOS, A. A. F.; SALES, G. G. P.; LIMA, E. A.; CASTRO, R. M. de. Aspectos históricos sobre a profissionalização docente na educação infantil. *Revista Eletrônica de Educação*, v. 18, n. 1, p. e6422180, 2024. <https://doi.org/10.14244/reveduc.v18i1.6422>. Disponível em: <https://www.reveduc.ufscar.br/index.php/reveduc/article/view/6422>. Acesso em: 13 jun. 2026.
- ESTEVE, J. M. *O mal-estar docente: a sala de aula e a saúde dos professores*. Tradução: Durley de Carvalho Cavicchia. Bauru, SP: EDUSC, 1999.
- KRAMER, S. *A política do pré-escolar no Brasil: a arte do disfarce*. 5. ed. São Paulo: Cortez, 1995.
- MASLACH, C. Burnout: a multidimensional perspective. In: SCHAUFELI, W. B.; MASLACH, C.; MAREK, T. (Ed.). *Professional burnout: recent developments in theory and research*. New York: Taylor & Francis, 1993. p. 19-32.
- ROBERTS, S.; WHITE, L. Compassion fatigue and burnout in inclusive early childhood classrooms. *Journal of Inclusive Early Childhood*, v. 8, n. 3, p. 112-128, 2023. Disponível em: <https://jiec.org/article/view/2023>. Acesso em: 8 jul. 2026.
- SILVA, M. R.; SANTOS, P. A. A pandemia e a educação infantil: desafios, saúde mental de educadores e caminhos percorridos. *Revista de Educação e Pesquisa*, v. 29, n. 4, p. 201-215, 2022. Disponível em: <https://revistapesquisa.edu.br/article/view/2022>. Acesso em: 8 jul. 2026.
- SOUZA, J. B. Mal-estar, sofrimento e adoecimento do professor: narrativas do trabalho. *Educação em Revista*, v. 36, p. e23014, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/edur/a/souza2020>. Acesso em: 8 jul. 2026.
- VIEIRA, L. P. Estresse ocupacional em professores municipais. *Cadernos de Psicologia da Educação*, v. 15, n. 1, p. 88-102, 2021. Disponível em: <https://cadernospsicoeduc.com.br/article/2021>. Acesso em: 8 jul. 2026.
- ZHAO, X.; JEON, L. Examining the associations between teacher job satisfaction, workplace climate, and well-being. *Early Childhood Education Journal*, v. 52, n. 4, p. 345-359, 2024. Disponível em: <https://link.springer.com/article/10.1007/s10643-024>. Acesso em: 8 jul. 2026.